



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMUNICAÇÃO ORAL

A CANÇÃO COMO DOCUMENTO NA AULA DE HISTÓRIA E SUA DUPLA ARTICULAÇÃO: UM EXERCÍCIO DE SENSIBILIDADE

Max Alves²³⁰

Universidade Federal de Pernambuco

luanmaxwell@gmail.com

A década de 1980 ficou razoavelmente marcada por um ambiente de debate nacional em diversos âmbitos. O contexto era de reconfiguração numa transição de uma então sociedade sob regime ditatorial — com características de repressão política e ideológica muito presentes no cotidiano e que vinha se distendendo ao longo dos anos finais de nossa mais recente ditadura militar — para uma sociedade que viria a enfrentar um processo de redemocratização e que assim precisava de uma reorganização em seus mais diversos setores. Um desses setores era o educacional.

Os debates levaram a Educação, dentre outros aspectos, a estar mais atenta às pluralidades. Podemos confirmar isto ao notar que são previstas em nossa Constituição Federal de 1988 — que pode ser encarada como o resultado culminante dos debates daquele contexto político pelo qual passamos — liberdades de ensino, pesquisa, divulgação do pensamento, das artes, do saber e também o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (BRASIL, 1988). Buscava-se, então, garantir, para a educação, a existência de aspectos que por muito tempo haviam sido foco de supressão na sociedade durante os anos de ditadura.

Naquele contexto educacional, a disciplina de História ainda contou com mais uma influência que viria a contribuir para sua modificação a partir de então: a Nova História.

²³⁰ Luan Maxwell Alves da Silva.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Difícil de ser definida justamente por conta de suas pluralidades, segundo Peter Burke (2011), em seu livro “A escrita da História: novas perspectivas”, a Nova História é associada à historiografia da Escola dos Annales, da primeira metade do século XX, que orbitou em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations* e tendo Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel como seus principais expoentes. Ela seria, grosso modo, uma oposição ao Positivismo, contando com objetivos plurais, com análises de pequenas estruturas como partes de um todo conjuntural, com um viés não-historicizante e com uma defesa de uso documental diverso para se interpretar os acontecimentos (BURKE, 2011).

Esta convergência conceitual, ocasionada pelo contexto político brasileiro da década de 1980 e a influência da Nova História sobre a disciplina de História, trouxe uma efervescência acerca das discussões sobre a inserção de documentos diversos, tanto na academia quanto no ensino de História. Os debates levavam em conta que tais documentos têm características próprias, diferentes dos documentos escritos e governamentais nos quais os historiadores tinham maior familiaridade no trato. A discussão dessas particularidades aumentou a partir daquela década (ZAMARIAM, 2011) e os documentos tidos como novos — mesmo que não fossem, é bem verdade — eram vistos como desafios a serem enfrentados por professores e historiadores. Desta forma, um desses desafios era a canção.

Diversos artigos, dissertações e teses acerca da temática já foram escritos nas últimas três décadas, até livros foram publicados — como, por exemplo, o de Marcos Napolitano (2002) “História & Música: história cultural da música popular” e o de Miriam Hermeto (2012) “Canção popular brasileira e o ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos” —, mas ainda é possível encontrarmos professores receosos de trabalhar com canções como documento nas aulas de História, sobretudo professores leigos em música. Para estes ela continua representando um desafio.

E é diante deste desafio que este artigo se propõe a discutir a contribuição dos parâmetros da articulação musical da canção na aprendizagem de História por pessoas leigas em música, exemplificando com uma experiência própria vivenciada no final do





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

curso de licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco em 2017, mostrando que um exercício de sensibilidade pode ser uma resposta a esta demanda.

O desafio do uso do documento canção

Enquanto documento, a canção tem uma particularidade curiosa em relação aos demais: uma dupla articulação. As articulações da canção se comunicam e são interdependentes, fundem-se e se apresentam como um todo à sociedade. Explicada por Marcos Napolitano (2002) essa dupla articulação da canção se constitui na categorização de todos os elementos da canção em dois eixos; estes eixos são nomeados como articulação verbal e articulação musical. A articulação verbal é composta pelos parâmetros poéticos — como a letra, o tema e a intertextualidade — e a articulação musical é composta por dois grupos de parâmetros, os de criação — melodia, harmonia e ritmo — e os de interpretação — vocalização, arranjo, timbres, performance, ambientação... (NAPOLITANO, 2002).

A canção é, assim, necessariamente, a junção concomitante dessas articulações. Ela é constituída por música — a combinação de sons em ritmo, de maneira melódica e harmônica — e por letra — as palavras em versos que acompanham a música em composições destinadas a serem cantadas. Ou seja, canção é letra e música, juntas e executadas ao mesmo tempo. É assim que ela é apresentada à sociedade, é assim que ela é apropriada pelos indivíduos e é assim, exceto algumas exceções, que ela é criada por seus compositores, com a letra em função da música e a música em função da letra, pensadas para em conjunto comunicar a intencionalidade de seus criadores.

A partir disso, alguns autores argumentam sobre o problema, tanto na academia quanto na escola, de se pretender utilizar a canção como documento e ao final dar ênfase apenas à letra. Resumidamente, a letra aparenta ser mais inteligível ao leigo em música, e ao escolher analisar apenas ela o professor de História e/ou o historiador estariam correndo o risco de generalizar o que é parcial ou de compreender o documento de maneira





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

incompleta (NAPOLITANO, 2002). Ainda, escolher analisar apenas a letra descaracteriza a canção — letra e música — como documento (XAVIER, 2013), afinal se eu levo em conta só uma das articulações é porque a outra não me diz coisa alguma.

Mas frente a essa questão, não podemos esquecer que a canção se comunica com uma população majoritariamente leiga em música. Mesmo sem dominar a linguagem musical e todas as particularidades do campo da música, o leigo em música não consegue perceber que Luiz Gonzaga canta Triste Partida de uma forma melancólica, completando o sentido da letra de Patativa do Assaré, por exemplo? Será que o leigo em música não consegue perceber que a agressividade faz parte da canção Comida dos Titãs?

O que ocorre é que perceber as potencialidades comunicativas dos parâmetros da articulação musical da canção não configura uma tarefa tão difícil quanto possamos pensar esta ser. Talvez apenas não tenhamos a prática de exercitar uma inteligibilidade de nossa percepção para falarmos sobre música — e esta pode, quem sabe, ser uma das consequências do advento dos fones de ouvido e da individualização da escuta musical (ZAMARIAM, 2011).

Para nós, professores de História e historiadores, essas justificativas não devem fundamentar nossa inércia, afinal, como afirmou Moraes (2000), quantas vezes ao longo de nossas práticas nos são cobrados conhecimentos referentes à línguas, religiões e culturas diferentes das de nosso entorno social e, mesmo não conhecendo, buscamos compreender seus significados? Aquilo que nos é diferente é perfeitamente passível de estudo para alcançarmos uma razoável compreensão (MOARES, 2000), e a canção está totalmente presente em nosso cotidiano, comunicando nossos anseios e utopias (NAPOLITANO, 2002).





A sala de aula e o exercício de sensibilidade

Durante o processo de conclusão do curso de licenciatura em História, pela Universidade Federal de Pernambuco, ao fim de 2017, a construção de nosso trabalho final foi voltada a lançar bases teóricas e bibliográficas acerca da canção como documento nas aulas de História — já para uma apropriação temática de uma pesquisa de mestrado que viria a seguir —, e então lá fomos impelidos a elaborar uma proposta de aula a partir dos apontamentos acadêmicos estudados e em seguida a aplicar tal proposta e discutirmos os resultados. Várias conclusões pudemos tirar daquela experiência, mas aqui nos interessa o que se refere ao modo como o leigo em música pôde inferir sobre temporalidades, lugares e contextos a partir de elementos como o ritmo, a vocalização, o timbre e outros parâmetros da articulação musical da canção trabalhada.

A canção trabalhada, inclusive, foi na verdade um medley — que é quando duas ou mais canções são misturadas harmonicamente, intercaladas ou não, muitas vezes parecendo uma só canção — gravado pelo grupo musical fluminense Roupa Nova em seu álbum Ouro de Minas, de 2001. O medley é composto por duas canções, De Frente Pro Crime, composta por João Bosco e Aldir Blanc em 1973, e Ninguém Liga Pra Você, inédita até então, de Nando e Ricardo Feghali, membros da banda. Misturando samba e rap, o medley joga com a indiferença de pessoas ao presenciarem um assassinato, por um lado, e a indignação do eu-lírico em relação a esta indiferença, vinda tanto das pessoas que presenciaram o assassinato quanto do poder público, por outro.

A aula aconteceu numa turma do pré-acadêmico CAVest: um passo para universidade, que é um projeto de extensão da Universidade Federal de Pernambuco no campus desta universidade em Vitória de Santo Antão, na zona da mata atlântica de Pernambuco. Apesar de ser um projeto numa lógica de pré-vestibular, o CAVest tem um viés construtivista que extrapola o formato de cursos pré-vestibulares nos quais estamos acostumados encontrar, e também procura inserir seus estudantes nas experiências culturais da cidade (ALVES, 2017).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A proposta de aula foi aplicada após as aulas de História do Brasil sobre Ditadura Militar (1964-1985) e Redemocratização, portanto tinha um intuito de mobilizar conhecimentos previamente trabalhados, e para isto realizaria uma atividade com canções como documento em sala de aula. Aqui cabe uma breve descrição.

A turma foi organizada em grupos, pois por ser numerosa a socialização de um aluno por vez ficaria inviabilizada por conta do tempo disponível (duas horas-aula geminadas). Num primeiro momento os alunos escutaram o medley sem acesso à letra impressa ainda, foram preparados para que primeiro pudessem “sentir” a canção e não fossem direcionados à literalidade automaticamente (DAVID, 2012), para poderem vivenciar a canção como ela aparece ao ouvinte (NAPOLITANO, 2002), para escutar com calma e não se preocuparem já com uma atividade a ser realizada.

Em seguida foi aberto o espaço para se conversar sobre a canção, possibilitando a troca de múltiplas visões e sentimentos que as canções puderam despertar (XAVIER, 2010; ZAMARIAM, 2011). Naquele momento, as provocações do professor para o debate foram: “Aonde a canção parece se ambientar? Por qual motivo aparenta isso? Do que ela fala? O que você pensa sobre este assunto? O modo como o intérprete canta ajuda a perceber isto?”. E à medida que a socialização foi acontecendo, um quadro foi sendo elaborado com as impressões dos estudantes

Mais adiante a turma recebeu a letra impressa, que explicitava a faixa como sendo um medley composto por duas canções, e três pequenos textos que se referiam, cada um, a um momento histórico diferente do Brasil: Anos 1970 – Ditadura, Anos 1990 – Redemocratização e, por fim, Anos 2010 – Atualmente. Os alunos ouviram o medley mais uma vez, leram os textos e foram solicitados a responder: A qual das três épocas descritas nos textos pertence esta canção? Por que vocês defendem esta posição? Que aspecto, verso, estrofe e/ou parte da canção mais se relaciona com o tema da valorização de uma vida digna? Vale salientar que não se tratou de um jogo de adivinhação ou sorte, mas da mobilização de conceitos previamente trabalhados agora postos em uma problemática. As canções se realizam em tempos e espaços específicos e falam desses tempos e espaços; o medley tem um tema e este tema, de acordo com o que havia sido estudado, estaria confirmando ou confrontando algum conceito de alguma temporalidade estudada, por





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

exemplo? Era mais um documento apresentado sobre os assuntos estudados, desta vez tido como alternativo (CALISSI, 2003), para ser analisado assim como outros em outros momentos.

No que se refere ao modo como a articulação musical contribuiu para a interpretação da música e assim, conseqüentemente, para a mobilização de conhecimentos previamente trabalhados, podemos classificar como satisfatória nossa experiência e nosso exercício de sensibilização musical.

Na turma não havia músicos, no entanto, os alunos foram capazes de notar aspectos dos parâmetros da articulação musical que auxiliaram na compreensão da mensagem da canção e, por sua vez, na interpretação temporal a partir de seus conhecimentos prévios. O medley, composto por duas canções de tempos diferentes, a depender do enfoque de cada aluno, desembocou numa interessante discussão acerca de sua temporalidade.

Segundo os alunos, a ambientação (som de sirene e conversas paralelas em segundo plano) junto com os ritmos (rap e samba) ajudam a notar que a história contada se passa num subúrbio. A indiferença das pessoas que presenciaram o assassinato, predominantemente notada em De Frente Pro Crime, é confirmada pela vocalização: uma indiferença generalizada. A indignação é explicitada pela voz principal, que prepondera nos versos de Ninguém Liga Pra Você. Diante desses aspectos os alunos divergiam em relação à temporalidade do medley, sobretudo por conta da indignação expressa na voz principal: para eles a canção é uma crítica à indiferença, ou seja, assumiram a visão do eu-lírico na voz principal, e esta indiferença é que era o motivo das divergências.

Três grupos acreditavam que essa indiferença colocava a canção no contexto atual. Como a canção critica principalmente a indiferença, esta seria objeto de composição apenas nos dias de hoje, no qual as garantias de direitos de vida e de dignidade já estão consolidados pela Constituição Federal de 1988. Para eles, seria estranho uma indignação como objeto temático de uma canção num período em que esses direitos não eram assegurados, tendo em vista o regime de exceção no qual passávamos em 1970.

Um dos grupos questionou, então, se isto não poderia inserir o medley na década de 1990 — temporalidade defendida por eles. Os primeiros argumentavam que esses





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

direitos ainda não estavam tão fortes no seio da sociedade em 1990 e por mais que a indignação existisse a preocupação maior era em consolidar a democracia, ainda mais depois dos escândalos de 1992. O grupo questionador reafirmou que o que foi garantido a partir de 1988 na Constituição Federal não surgiu no momento de sua promulgação, então o debate já estava maduro o suficiente para que tal indignação fosse objeto de uma canção.

Outro grupo ainda contestava que tais debates não dependeram de normas jurídicas existentes ou por existir para ganharem corpo. Que durante a ditadura, que englobou a década de 1970 — temporalidade defendida por este grupo —, já havia pessoas preocupadas com os direitos suprimidos aos cidadãos e não apenas com a democracia e o direito de votar. As canções estariam mostrando a realidade da década de 1970 e a indignação de uma pessoa em relação a essa realidade.

Não tínhamos a intenção de declarar grupos “vencedores” ou “perdedores” — nem de tornar, com isso, o estudo da História, naquele momento e naqueles aspectos, algo desagradável ao estudante e assim comprometer o processo de aprendizagem (ZABALA, 1998) —, mas de debater sobre como temáticas observadas por João Bosco e Aldir Blanc na sociedade fluminense nos anos 1970 ainda estavam presentes de maneira explícita ao final da década de 1990, como mostraram Nando e Ricardo Feghali, e como aquelas questões poderiam ser identificadas na sociedade na qual os estudantes estavam inseridos mais de quarenta anos depois da primeira composição. Era uma comparação de tempos e lugares, como proposta por Célia Maria David (2012) em seu artigo “Música e ensino de história: uma proposta”.

Mais do que acertarem que o medley era composto por duas canções com datas distintas, o mais importante era a mobilização de conhecimentos e isto aconteceu. Foi a partir dela, como documento, servindo para reflexão, que saberes construídos anteriormente foram colocados em prova. Os parâmetros da articulação musical auxiliaram em grande parte essa tarefa, uma vez que foi a partir deles que por parte dos alunos algumas inferências puderam ser feitas: temporalidades da canção e temática (indignação frente a indiferença) articulada com essas temporalidades. Nota-se que nenhum saber específico do campo musical foi exigido ao ponto de ser um pré-requisito para realizar a atividade. Todos os leitos em música puderam, a partir de uma escuta atenta e livre e de





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

um direcionamento para tal, tornar os elementos pertencentes aos parâmetros musicais das canções inteligíveis e “palatáveis”.

Para concluir

Ao desafio que pode se configurar a um professor leigo em música o trabalho com uma canção como documento em aulas de História, podemos, a partir de nossa experiência, vê-lo como algo perfeitamente superável. Uma vez que o professor, independente do conteúdo curricular no qual deverá dar conta, apropria-se ou procura se apropriar de conhecimentos necessários para colocar uma aula em prática, o estudo da canção dará condições de caminhar pela atividade de forma mais confortável e sem sentir tanta insegurança pelo fato de não ser músico. Talvez lembrar que a canção se comunica com um público majoritariamente leigo em música e que este público consegue compreender os elementos dos parâmetros musicais da canção, ajude ao professor de História, que também faz parte desse público e que também pode já ter sido tocado por uma melodia e/ou uma interpretação, por exemplo, a não enxergar o desafio como uma barreira intransponível.

A resposta que nos parece mais adequada a essa questão do desafio que a dupla articulação da canção pode oferecer ao professor de História e ao historiador é que exercitar a sensibilidade — ou pelo menos reconhecê-la em si, já que somos dotados de tal — pode vir a abrir sua mente e seus ouvidos às viagens históricas que as harmonias musicais estão para nos oferecer. É um exercício válido e que tem resultados positivos a oferecer ao processo de ensino, aprendizagem e construção do conhecimento histórico.





REFERÊNCIAS

ALVES, Max. **O documento canção na aula de História: desafios de uma proposta didática.** 2017. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

BOSCO, João. et al. De Frente Pro Crime/Ninguém Liga Pra Você. Intérprete: Roupas Nova. In: ROUPA NOVA. **Ouro de minas.** [S. l.]: Universal Music, 2001. 1 CD (ca 46 min.). Faixa 11 (2 min. 44 s.).

_____. **De frente pro crime.** 23º prêmio da música brasileira, 2012. 9 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OmPIUPTbFXM>>. Acesso em 15 ago. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.html. Acesso em: 19 set. 2019.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CALISSI, Luciana. **A música popular brasileira no livro didático de história** (décadas de 1980 e 1990). 2003. 189 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Metodologia em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e o ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 20, n. 39, p. 203-221. 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: história cultural da música popular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

XAVIER, Érica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. **Antíteses**, vol. 3, n. 6, p. 1097-1112, jul.-dez. de 2010.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

_____. O PNLD e os critérios de avaliação para os livros didáticos de História: a (des)caracterização da canção como fontes históricas. In: **Conhecimento histórico e diálogo social**. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, NATAL- RN, 2013.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAMARIAM, Julho. **A canção como mediadora cultural no processo de produção do conhecimento histórico em sala de aula**. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

